

Carnavalite Aguda

Luciano Cardoso

Não me meçam a idade
Nem me peçam a licença.
Tomei hoje liberdade,
De voltar à mocidade
P'ra tratar duma doença.

Não é rara nem é nova.
É um meu velho tormento.
Gosta de me pôr à prova
E pode levar-me'à cova
Se não lhe dou tratamento.

Sei que nunca me engana.
Gosta de vir nesta'altura,
Um vírus "sanabagana"
Com efeito marijuana
E sintomas de soltura.

Não sei se é perigoso
Botá-lo aqui na "net".
Sei que não é pegajoso.
Torna-se é nauseoso,
Pois faz-me ir à retrete.

Começa com comichão.
Mexe-me c’o apetite.
Incha-me de emoção.
O meu pobre coração
Sofre de “carnavalite”.

“Carnavalite” aguda
Ataca-me de repente.
É maleita que não muda.
Já vem do antigamente.

Mas não tenham dó de mim
Porque sofro, mas aguento.
Donde eu sou, é assim.
Faz-nos bem o sofrimento.

É coisa que não tem cura,
Pois sabemos ser um mal
Que nos dá e só nos dura
Enquanto há Carnaval.

Dá-nos voltas o juízo,
Desassossega nervoso
E vai onde for preciso
Buscar assunto jeitoso.

Fui ao doutor da doença
Que me põe a alma morta.
Diz-me ele, “em que pensa,
Quando me bate à porta?”

“Senhor doutor, eu pensei
Antes de cá o vir ver
E também me perguntei
O que vou eu lá fazer?
Eu não me vejo doente

Nem sequer triste me acho.
O meu mal é de repente,
Pumba! E vou-me abaixo.”

“Em momento depressivo,
Num caso como o seu,
Torna-se imperativo
Recuar ao que doeu,
Sacudir o negativo
Do vírus que o mordeu
E saber qual o motivo
Porque tal aconteceu.”
“Diga-me senhor doutor
E descanse-me de vez,
Que não é o estupor
Desse tal vírus chinês.”

“Não o creio, para mim,
O seu caso é mental.
Conte, tintim por tintim,
O que sente d’anormal.”

“Eu não me sinto tarouco
E talvez seja retranca,
Mas d’anormal só o louco
Que mora na Casa Branca.
Quando ele foi eleito,
Eu vou-lhe ser verdadeiro,
Senti um baque no peito
Explodir-me no traseiro.”

“Pura reação colérica,
Eu sei bem do que se trata.
Afeta meia América,
Dói bastante, mas não mata.”

“Não mata, pois não morri.
Nem morro por coisa pouca.
Só que a partir daí,
Basta ele’abrir a boca...”

“Não gosta que ele fale?
Acha que não tem direito?”
“Acho melhor que se cale,
Pois não diz nada de jeito.”

“Falar mal é o seu forte.
Só gosta de aldrabar.
O seu ridículo porte
Deixa muito’a desejar.
O que teve foi a sorte
De nas urnas se safar.
A América do Norte
Enganou-se a votar.”

“Pelo que me diz a mim,
O seu mal já encontrei.”
“O senhor acha que sim?
Mas inda não acabei.

Aldrabou enquanto quis.
Mentiu à boca cheia.
Bem mereceu o “impixe”
E talvez até cadeia.
Perdoaram. Que se lixe!
Sabe’o que + me chateia?”

“Sei. Já fui assim também.
É coisa que não se’estuda.
Somos o que nos convém.
A teimosia não muda.
O que o amigo tem

É “antitrumpite’aguda.”

“Não senhor, não acredite.
Não caia nessa asneira.
Um doente da “trumpite”
Sofre à sua maneira.
Sofro de “carnavalite”
Bem à moda da Terceira,
Liberdade sem limite
De dizer o que se queira.
Se lhe fizer o convite,
Quer entrar na brincadeira?”

“Brincar não, se faz favor.
Sinto-me incomodado.
Doenças desse teor
E doentes c’ mó senhor
Deixam-me desempregado.”

“Sô doutor, não é por mal.
Olhe, não quero ser rude,
Mas o nosso Carnaval,
É um caso anormal
D’alegria e saúde.

Nós bebemos a valer,
Comemos até faltar,
Bailamos até doer,
E talvez lhe custe’a crer,
Mas rimos até chorar.”

“Bela terra, linda gente.
Vou aceitar o convite.
Vê-lo assim tão contente
Faz-me querer ser doente
Da sua “carnavalite”.

Carnaval não tem idade.
Carnaval não é doença.
É uma felicidade,
Uma'alegria imensa,
Rirmos à nossa vontade.
A folia recompensa.